

O discurso erótico-amoroso em Homero

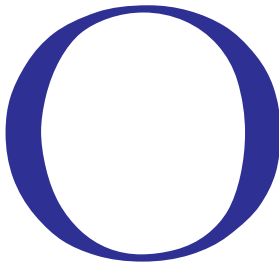
Francisco de Assis Florencio

RESUMO

Procuraremos ouvir, aqui, dos lábios de Hera e Júpiter, Helena e Páris, discursos que têm por objetivo seduzir o ser amado. Veremos que antes que qualquer palavra seja proferida, a sedução se dará por meio da beleza física, do uso de vestimentas sensuais, do emprego de joias e outros ornamentos, de perfumes e óleos aromáticos. No que se refere ao vocabulário, identificaremos e analisaremos alguns termos e expressões que são empregados pelos amantes na busca de envolver o seu amado(a) e, por fim, conduzi-lo(a) ao leito e usufruir com ele(a) do prazer sexual. A obra de onde estas falas foram tiradas é a *Ilíada*. Talvez por serem pares distintos, um humano e outro divino, a sedução se dê de maneira diferente, uma vez que, entre as divindades, o papel de sedutora cabe a Hera, enquanto, entre os mortais, a lindíssima Helena é seduzida pelo belo jovem troiano.

PALAVRAS-CHAVE

Discurso erótico-amoroso; Homero; *Ilíada*.



INTRODUÇÃO

riundo do latim, *dis* + *cursus*, que é o *actus discurrendi de personis et de rebus*, o discurso pode ser definido como “acto verbal e oral de se dirigir a um público, com o objectivo de comunicar ou expor algo, mas

também de persuadir”.¹ E é sobre esse último verbo que se baseia a nossa análise. Ao se dirigir ao ser amado, o sujeito apaixonado tem por objetivo, com seu discurso, persuadir o objeto amado e levá-lo ao grau máximo da relação erótico-amorosa: o intercurso sexual. Vale ressaltar que a palavra “intercurso” é formada a partir do mesmo radical de “discurso”, *cursus*, com o acréscimo do prefixo *inter*, ou seja, uma relação entre pessoas.

Já o termo erótico, do grego ἐρωτική ou seja, “referente a Eros”, é oriundo do verbo ἐράω, que difere, semanticamente, dos verbos ἀγαπάω e do verbo φιλέω. Esse último é a forma verbal mais generalizada para “amar” ou “ter afeto por alguém” ou “algumas coisa”. Não é à toa que ele tenha gerado um grande número de palavras que perpassaram a história da língua grega, desde o clássico até o grego *koiné*, tais como: “Filantropia”, “Filipe”, “Filadelfia”, dentre outras, que, com certeza, vieram a enriquecer o léxico não só da língua portuguesa, mas também de muitas outras línguas modernas. *Agapáo*, por sua vez, aparece em Homero, na maioria das vezes, como sinônimo de *eráo* e *philéo*, denotando, assim, a ideia de “gostar de”, “ter carinho”, “receber bem”. Fica claro, pois, que, diferentemente de *eráo*, ele não se prende apenas ao desejo físico, à sensualidade, “não é um fogo que arde sem se ver”,² nem uma “paixão cruel, desenfreada”,³ mas é um tipo de amor que vai além do físico, do espacial e do temporal, pois o que vale é a felicidade do ente querido, conforme as palavras de Nando Reis: “[...] quando a felicidade invade/ Quando pensa na imagem da pessoa. [...] Quando quer que acabe logo a viagem/ Que levou ela pra longe daqui”,⁴ *scilicet*, mesmo estando distante temporal e espacialmente da pessoa amada, o eu-poético continua com a imagem dela não apenas na mente, mas principalmente no coração.

Já a palavra “amorosa”, do latim *amor*, encontra-se, pelo menos em português, em uma gradação inferior a erótico no que se refere ao desejo físico, à conjunção carnal. Geralmente, quando

falamos em uma relação amorosa, estamos nos referindo a um tipo de relação que envolve, na maioria das vezes, carinho, respeito, consideração, sendo menos frequente, portanto, uma referência ao desejo, à concupiscência. Assim, um discurso erótico-amoroso envolve não apenas a *praesentia* do corpo do outro, que inspira o desejo; mas também a sua *absentia*, que traz de volta ao nosso coração (recordar) as lembranças, a imagem, o cheiro e outros pormenores da pessoa amada.

Nos excertos que por nós serão analisados não aparece o verbo *agapao*, mas aparecerão compostos e derivados de *erao* e *phileo*, bem como formas verbais que estão ligadas ao campo semântico da sexualidade e que denotam “junção”, “união” e “conjunção carnal”.

Para lidar com todos esses sentimentos e emoções, iremos à *Iliada* e, inspirados na relação discursiva de dois casais, Páris-Helena, Hera-Zeus, teceremos comentários sobre como se deram os discursos de sedução e qual vocabulário foi utilizado para a sua composição.

PÁRIS E HELENA

Antes de abordarmos os tipos de discursos utilizados por Páris para levar Helena a fugir com ele e para levá-la à cama, analisaremos as palavras dela. A sua primeira fala responde ao questionamento do rei Príamo sobre quem é Agamêmnon:

Venerando és tu para mim, querido sogro, e terrível: quem me dera ter tido o prazer da morte malévola, antes de para cá vir com o teu filho, deixando o tálamo, os parentes, a minha filha amada e a agradável companhia das que tinham a minha idade: mas isso não pôde acontecer. E é por isso que o choro me faz definhar. Mas responder-te-ei àquilo que me perguntas. Este é o Atrida, Agamêmnon de vasto poder, que é um rei excelente e um forte lanceiro. Era cunhado da **cadela que sou**; se é que foi mesmo.⁵

Vemos, no texto acima, que Helena se arrepende de ter fugido com o filho de Príamo e de ter deixado para trás uma vida certa e segura. Esse arrependimento e o sentimento de culpa a consomem de tal maneira que ela se autodenomina *kynos*.

Ainda tomada por esses sentimentos, ela a Heitor assim se

dirige:

Cunhado da **cadela** fria e maldosa que **eu sou**, quem dera que naquele dia quando minha mãe me deu à luz, a rajada maligna da tempestade me tivesse arrebatado para a montanha ou para a onda do mar marulhante, onde a onda me levasse antes de terem acontecido tais coisas. [...] Mas agora entra e senta-te nesta cadeira, ó cunhado, já que a ti sobretudo o sofrimento cercou o espírito, pela **cadela que sou** e pela **loucura** de Alexandre.⁶

Nesse segundo fragmento, mais uma vez aparece o sentimento de arrependimento nas palavras de Helena, que preferiria ter morrido ao nascer a ter sido a causa de acontecimentos tão funestos e catastróficos. Tomada por esses sentimentos, tanto no canto III quanto no VI, ela se vê como uma *kynos*. Ao se comparar a uma “cadela”, a mais bela das mulheres provavelmente se via como uma fêmea no cio que atrai a si vários machos, sendo, necessário, muitas vezes, uma luta bestial entre eles para decidir quem ficará com ela, como veio a acontecer entre Menelau e Páris. Modernamente, o termo “cadela”, na maioria das vezes substituída por “cachorra”, serve para caracterizar alguns tipos de mulheres, desde aquela indigna de confiança até aquela que é vista por todos como fácil de conquistar e, conseqüentemente, de levar para a cama.

Ela não isenta de culpa, porém, o filho de Príamo e diz que, se ela agiu como uma mulher despudorada, ele, juntamente com ela, é a causa dos sofrimentos que agora recaem sobre todos aqueles que os rodeiam. Para tanto, o vate coloca em sua boca o vocábulo “loucura”, que, em grego, corresponde a *ates*, que, aqui, preferimos traduzir por “paixão”, pois, no nosso entendimento, é a melhor palavra para definir o sentimento que tomou conta de Páris e o levou a agir apenas segundo os seus desejos.

Debrucemo-nos agora sobre o que levou Helena a se deixar raptar pelo príncipe troiano. As razões são encontradas nas palavras de Heitor no momento em que ele censura Páris por ter se acovardado diante de Menelau e ter fugido do combate:

Páris devasso, nobre guerreiro somente na cuidada aparência,
desvairado por mulheres e bajulador! Quem dera que não tivesses
nunca nascido, ou que tivesses morrido sem teres casado!

[...]

De nada te serviria a lira ou os dons de Afrodite, muito menos os
teus penteados e beleza, estatelado no pó.⁷

Antes de comentarmos o episódio supracitado, deve-se dizer que essa repreensão de Heitor ocorreu depois que seu irmão, vestido com uma pele de leopardo e brandindo duas lanças, enfeites vistosos, bem de acordo com sua personalidade, irrompe das fileiras troianas e desafia a qualquer guerreiro grego para um combate pessoal. Mas, quando Menelau aparece na sua frente como uma serpente prestes a dar o bote, ele volta atrás e se esconde rapidamente entre os guerreiros troianos.

Após esse ato de covardia, fica evidente, no trecho acima, que os artifícios utilizados por Páris para seduzir Helena não são aqueles próprios de um guerreiro ou de um herói, pois o mais importante para ele são a sua aparência e a sua beleza natural, pois, segundo Marilyn Skinner, Homero o apresenta como “[...] *a man who lives by and for his charm and sex appeal* [...]”.⁸ Ainda sobre a sua capacidade de usar seus atributos físicos para seduzir, eis o comentário do retórico Górgias (485-375 a.C.): “Se portanto, pelo corpo de Alexandre, o olhar de Helena, tendo sentido prazer, pôs-lhe n’alma impulso e porfia de amor, que há de espantoso?”.⁹ Era perito também na arte de “cantar” as mulheres, sabia também tocar a lira e mantinha os cabelos sempre muito bem alinhados. Ao chamá-lo de γυναιμανὲς, “louco por mulheres”, “mulherengo”, seu irmão expõe o seu ponto fraco, ou seja, não conseguia resistir a “um rabo de saia” ou, modernamente falando, era “um galinha”. Outra possibilidade para “bajulador”, em grego ἡπεροπευτὰ, seria “enganador”, ou seja, Páris era bom de papo, sabia iludir as mulheres, era “o grande sedutor”,¹⁰ conforme palavras de Zé Ramalho. Ao dizer que todos esses dons concedidos por Afrodite de nada servirão, uma vez que os seus atos

o conduzirão à morte, que corresponde ao grego ἐν κονίῃσι μιγείης. Quanto ao emprego de “pó” como sinônimo de morte, tanto a literatura greco-latina quanto a cristã se apoderaram dessa metonímia. No que se refere à forma verbal μιγείης, traduzida aqui por “estatelado”, a melhor tradução seria “misturado”, “ajuntado”, deixando transparecer, assim, o tom irônico presente na fala de Heitor, já que o verbo também serve para designar o ato sexual.

Páris, porém, assim discursa a seu favor:

[...] não me lances à cara os dons amáveis da dourada Afrodite . Não se devem rejeitar os dons gloriosos dos deuses, que eles outorgam e que nenhum homem alcançaria por sua vontade.¹¹

Vemos, mais uma vez, que o “Dom Juan troiano” foge da sua responsabilidade e a transfere para os deuses. Afinal, se ele é irresistível, é porque Afrodite assim o quis e seria uma ofensa da sua parte rejeitar os δῶρα que lhe foram concedidos pelas divindades e que ele, na condição de humano, nunca conseguiria alcançar “com seu próprio esforço” ou “com suas próprias mãos”, conforme a tradução literal de ἔλοιτο.

Embora não tenha conseguido resistir aos encantos do príncipe troiano, a esposa de Menelau logo percebe que o seu caráter não condiz com o seu exterior. Quando, enfim, diante de Helena que, sobre os muros de Troia, a tudo assistia, houve o segundo combate entre os dois, este foi o desenlace:

Assim dizendo, atirou-se a ele com um salto e agarrou-o pelo elmo com sua farta crista de penachos de cavalo, e girando com ele em volta o arrastou em direção aos aqueus, enquanto Páris sufocava por causa da fivela bem bordada debaixo do macio pescoço, justa, para que o elmo não caísse. [...] Mas Afrodite arrebatou Páris, facilmente, como é próprio de uma deusa, ocultando-o com nevoeiro opaco [...].¹²

Antes de comentarmos o discurso erótico-amoroso do divino Alexandre, vale apenas destacarmos o quadro que aqui se apresenta. Buscando oportunidade para o fim da guerra, marcou-se uma luta entre Páris e Menelau. Os termos da disputa foram acertados e foram

ratificados com um sacrifício. Helena e seus bens passariam a pertencer a quem vencesse a disputa. O resultado do combate não resolveu a questão, pois, conforme a descrição acima, quando Menelau estava levando a melhor sobre Páris, e prestes dar o golpe fatal, sua espada quebrou. Ele então agarrou seu oponente pelo capacete e tentou levá-lo para longe, mas Afrodite quebrou a cinta que o prendia ao pescoço, pegou Páris, escondeu-o em uma névoa e o levou para o quarto dele. Depois que Páris é vencido por Menelau, Afrodite mostra seu lado intimidante quando incita Helena a ir ao encontro do troiano. Ela recusa, mas Afrodite a assusta, ameaçando tirar sua proteção e abandoná-la à ira dos gregos e dos troianos. Por fim, Helena é convencida pela deusa, disfarçada de anciã, e vai para o quarto do príncipe troiano. A relutância dela se deve, com certeza, ao fraco desempenho dele como guerreiro, desempenho esse, como já dissemos, visto por ela dos muros de Troia.

Vemos que Páris só não foi morto por Menelau porque houve uma intervenção divina. Embora Afrodite não fosse uma deusa guerreira como Atena, ela foi em defesa de seu protegido e o livrou da morte. Quando está diante de Helena, ele não sente vergonha do ocorrido, mas joga a culpa nos deuses: dessa vez venceu Atena, mas da próxima a vitória pode ser de Afrodite.

Por fim, Páris recorre a outro artifício de sedução que vai além dos seus encantos físicos – as palavras:

Mas vamos agora para cama (*eunaô*) e vamos nos deleitar com o amor (*philótêtî*).” “Nunca antes”, continuou ele, “o desejo (*erôs*) tomou conta do meu coração deste jeito. Nem quando primeiro te raptei da agradável Lacedemônia e naveguei nas naus preparadas para o alto mar, unindo-me (*emigén*) a ti em um leito de amor na ilha de Cranae, da maneira como agora te amo (*erao*) e me domina o doce (*glykôs*) desejo.” Assim falou e foi para a cama e atrás dele seguiu sua mulher.¹³

Passemos a analisar agora o discurso de Páris. Com o emprego do participio εὐνηθέντε, oriundo do verbo εὐνώω, literalmente, “deitar”,

encontramos uma das formas mais antigas para dizer que duas pessoas estão “indo para a cama” não apenas para “dormirem juntas”, mas principalmente para indicar que elas “vão fazer sexo”, que vai haver “uma conjunção carnal”. Ao ser empregado no dual, esse particípio reforça a ideia de concordância, ou seja, no pensamento de Páris, Helena não apenas deseja “deitar-se com ele”, mas também está ansiosa por experimentar o prazer resultante da troca de prazeres. O vocábulo *philotês* servia para designar “amizade, “amor” e “afeição” e é usado com regularidade, nos versos épicos, para representar um grau de intimidade tal que tem como resultado final o ato sexual. Razão pela qual preferimos a tradução “vamos fazer amor”. Continuando a falar, ele invoca o deus que acendeu em seu peito essa louca paixão, ἔρως. Essa divindade, que, literalmente, significa “amor”, “desejo”, tem, muitas vezes, em Homero, um emprego interessante: serve para designar o apetite (desejo) por comida e bebida. Mesmo assim, como vemos, não foge da sua ideia primeira que é despertar nos deuses e mortais o desejo, a paixão e a obsessão pelo corpo do ente amado. Continuando o seu discurso, Páris lembra da sua primeira noite de amor com Helena, na ilha de Crana. Para isso, ele emprega a mesma forma verbal que seu irmão usou para ironizá-lo, μίγνυμι, que significa “misturar”, “unir”, trazendo à lembrança a primeira vez em que os dois se tornaram um único corpo. Segundo ele, porém, naquela noite o desejo não se apoderou tão fortemente dele quanto agora. Para classificar esse desejo, ele emprega o adjetivo *glykos*, “doce”. Esse determinante nos faz lembrar de um trecho de uma música em espanhol, que assim diz: “*Que por fuerza tienes ya/ Sabor a mí*”.¹⁴ Há, portanto, entre Páris e Helena uma troca de sabores tal que ele sente desejo não apenas pelo corpo dela, mas principalmente pelo seu doce sabor.

E foi, com certeza, o comportamento e o discurso erótico-amoroso de Páris que levaram o retórico Górgias a escrever *Elogio de Helena*, eximindo de culpa a mais bela das mulheres, pois, segundo ele, a sua alma foi envenenada e enfeitiçada pelas palavras de Páris:

A mesma palavra tem o poder do discurso perante a disposição da alma e a disposição dos remédios para a natureza dos corpos. Com efeito, como os diferentes remédios expulsam diferentes

humores do corpo, e uns cessam a doença, outros a vida, assim os discursos, uns afligem, outros deleitam, outros atemorizam, outros dispõem os ouvintes à confiança, e outros por meio de uma persuasão maligna envenenam e enfeitiçam a alma.

Que ela então, se pelo discurso foi persuadida, não cometeu injustiça, mas foi infeliz, está dito [...].

HERA E ZEUS

Para mostrar aos gregos que eles não poderiam superar os troianos sem a ajuda de seu grande guerreiro, que fora ofendido por Agamêmnon, Zeus consente que o exército troiano, ausente Aquiles dos combates, comece a vencer a guerra. Hera, porém, como fosse simpatizante dos gregos, arquitetou um plano para seduzir Zeus e, com a ausência dele, levar os gregos a triunfar sobre os troianos. Para tanto, ela combinou com Hypnos que ele, após ela e Zeus fazerem amor, ficaria responsável por deixá-lo num estado letárgico, e, assim, ela poderia agir sem nenhum impedimento. Assim feito, ela permite que seus protegidos avancem contra os inimigos e, por fim, derrotem o maior guerreiro deles, Heitor.

Passemos agora aos trechos (todas no canto XIV) onde estão contidos os discursos de sedução da deusa. No primeiro, abaixo, encontramos todo o estratagema pensado por Hera para seduzir o deus dos deuses.

E esta foi a deliberação que a seu espírito pareceu melhor: ir até ao Ida, depois de ter lindamente se embelezado a si própria, na esperança de que ele desejasse deitar-se em amor com o corpo dela, pelo que derramaria sobre as pálpebras e sobre a mente manhosa um sono suave e sem perigo.¹⁵

Ao analisarmos os versos, percebemos mais uma vez a presença do vocábulo φιλότιτι, a que já fizemos referência ao comentarmos o par Páris/Helena. Fica claro, então, que essa é a forma nominal

preferida pelo gênero épico para designar o “ato sexual”. No entanto, para que ele se realizasse, fazia-se necessário que ela se deitasse com Zeus, daí a presença do verbo παραδραθῆιν, “deitar-se ao lado de (alguém)”.

Elaborado o plano, ela vai para seu quarto e começa a se preparar para seduzir o marido:

Com ambrosia limpou primeiro da pele desejável todas as imperfeições e ungiu-se com suave azeite ambrosial, dotado de especial fragrância. [...] Foi com isso que limpou o belo corpo; penteou o cabelo e com as mãos entreteceu tranças brilhantes, belas e ambrosiais, que caíam da sua cabeça imortal. Depois vestiu uma veste ambrosial, que Atena lhe tecera com alta perícia, [...] e nas orelhas bem furadas colocou brincos triplos de contas parecidas com amoras: muita beleza refulgia! [...] Nos pés resplandecentes calçou as belas sandálias.¹⁶

Vemos aí não só toda a essência da vaidade feminina, mas também a preocupação em estar perfeita, linda, maravilhosa para que, diante de Zeus, ela se tornasse irresistível. Antes de detalharmos a sua descrição, merece destaque a presença abundante do vocábulo ἀμβροσία, formado de ἄμ e βροσίος, literalmente, “imortal”, por consequência, “divino”. Servia tanto para designar um alimento sólido, em oposição ao líquido néctar que tornava os deuses imortais, quanto para fazer referência a um óleo perfumado, como o citado nessa passagem, que os deuses usavam e que era utilizado também na conservação de cadáveres.

Depois de tomar banho e se perfumar, a deusa faz um belo penteado e coloca, com certeza, uma veste sensual e, provavelmente, transparente. Por fim, não se esquece de enfeitar suas orelhas e seus delicados pés.

Vejamos qual foi a reação de Zeus:

Assim que a viu, o amor (ἔρως) envolveu-lhe o espírito robusto, tal como quando primeiro fizeram amor (ἐμισγέσθην φιλότῃτι), deitados na cama (εὐνήν φοιτῶντε), às ocultas de seus progenitores. Pôs-se de pé diante dela e falou-lhe tratando-a pelo

nome: “Hera, com que intenção até aqui desceste do Olimpo?”.¹⁷

Ao vê-la, Zeus foi tomado pelo deus a quem ele não conseguiria resistir e o desejo tomou conta do seu ser. Diferentemente do que aconteceu com Páris, o narrador, ao empregar o sintagma comparativo “tal como”, faz com que o sentimento que envolveu o deus nesse momento esteja no mesmo grau de igualdade daquele que ele sentiu na primeira vez que fez amor com sua esposa. Para designar, porém, o ato de “fazer amor”, aparece mais uma vez a expressão já usada para os mortais: ἐμισγέσθην φιλότῃτι. Quanto à construção “deitados na cama”, preferimos, por entendermos que está mais de acordo com o campo semântico erótico-amoroso, seguir literalmente o texto grego e traduzi-la por “indo para a cama” (εὐνὴν φοιτῶντε).

Ao questionamento do marido, ela respondeu que havia descido para ajudar a fazer as pazes entre Oceano e Tétis, que estavam brigados. Interpretando, porém, o papel de uma esposa obediente, diz que, antes de partir para a mansão de Oceano, gostaria de dar-lhe a conhecer os seus atos.

Zeus, então, usa as mesmas palavras que Páris usou, ou seja, “vamos para a cama fazer amor”, φιλότῃτι τραπέιομεν εὐνηθέντε.

Em seguida, ele começa a narrar a Hera as suas aventuras amorosas, tanto com deusas quanto com mortais. Começa bem o seu discurso, pois, ao empregar o advérbio οὐ, “nunca” (315), deixa claro que, nesse momento, sente por ela “um tesão” nunca dantes experimentado. Até aí tudo bem, o problema é que ele começa a enumerar a lista de mulheres outrora conquistadas e possuídas por ele. Que mulher, se não estivesse com segundas intenções, suportaria ouvir tamanha ofensa de seu amado? Ao concluir a sua fala, Zeus tenta minimizar e consertar as palavras desenfreadas que saíram de sua boca. Para tanto, ele emprega o advérbio νῦν, “como agora” (328), ou seja, nenhuma daquelas mulheres foi capaz de suscitar nele tão grande desejo quanto o que sente agora por Hera. Vale ressaltar, mais uma vez, que as palavras dele são as mesmas que foram usadas

por Páris no seu discurso a Helena. A única diferença é que esse compara o desejo que sentiu pela sua amada na primeira noite em que fizeram amor com o desejo que sente agora. Já aquele compara o desejo que sentiu por outras deusas e mortais à primeira noite de amor entre ele e sua amada: “ὥς σέο νῦν ἔραμαι καί με γλυκὺς ἥμερος αἶρεῖ” (14. 328); “ὥς σέο νῦν ἔραμαι καί με γλυκὺς ἥμερος αἶρει” (3.446).

A deusa, porém, finge não ligar para tão grande número de traições e se faz de difícil à investida do rei dos deuses: “Se o que tu queres agora é deitar-me em amor [...] isso estaria à vista de todos!” (331-332).

Ela finge tão bem que parece até uma virgenzinha experimentando pela primeira vez as delícias do amor e que, por isso, fica com vergonha do que vai fazer e temerosa de que seja pega em flagrante.

Por fim, ela cede e se sujeita à vontade de seu amado: “Mas se essa é a tua vontade, se é agradável ao teu coração, tens um tálamo [...]” (337-338).

Zeus a tranquiliza quanto ao perigo de algum deus ou mortal presenciar o ato: “[...] Nem o próprio Sol nos descortinaria, embora nenhuma luz veja mais agudamente que a dele” (344-345). Essas palavras, com certeza, fazem alusão aos encontros furtivos e noturnos entre Afrodite e Ares. Um dia, porém, eles dormiram além da conta, e Hélios revelou ao marido da deusa, Hefesto, o adultério. Esse preparou uma rede invisível, o casal ficou preso nela, e todos os deuses puderam ver e rir da picante situação.

A terra, então, se encarrega de preparar a cama para que eles possam gozar dos prazeres do sexo: “[...] a terra divina faz crescer relva fresca, a flor de lótus orvalhada e açafraão e jacintos macios [...]”. Aí, protegidos por uma nuvem bela e dourada, eles puderam se deitar, e Zeus foi, enfim, “subjugado pelo sono e pelo amor, com a esposa nos braços” (353).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora os casais apresentados sejam de natureza diferente, um humano e outro divino, percebemos que o autor fez uso do antropomorfismo e do antropopatismo para igualá-los. A primeira figura é usada para ressaltar os dotes físicos de Páris e de Hera e, consequentemente, despertar o desejo de Helena e Zeus. Assim sendo, podemos dizer que aqui prevalece o discurso erótico.

A segunda depende do discurso daqueles que querem seduzir e a sua influência sobre aqueles que devem ser conquistados. Esse discurso tem por objetivo tocar o coração, os sentimentos do ser amado para que, seduzidos, possam se deixar levar pela emoção e se entregar mais facilmente a uma relação predominantemente amorosa.

ABSTRACT

The Erotic-Loving Speech in Homer

In this work, we will try to hear from the lips of *Hera*, *Jupiter*, *Helen* and *Paris*, speeches that aim to seduce the beloved one. We will see that before any word is pronounced, the seduction will take place by means of the physical beauty, the use of sensual clothes, jewels, perfumes, aromatic oils and other ornaments. As to the vocabulary, we will identify and analyse nominal phrases that are used by the lovers in order to involve the beloved one and, at last, lead him or her to bed and share the sexual pleasure. The work from which these speeches are taken is the *Iliad*. Maybe for being distinct pairs, one human and the other divine, the seduction happens differently as between the dieties the role of seductor is up to Hera, between the mortals, the beautiful *Helen* is seduced by the handsome young Troian.

KEYWORDS

Erotic-loving speech; Homer; *Iliad*.

NOTAS

¹ DISCURSO.

² CAMÕES

³ CAZUZA.

⁴ NANDO REIS.

⁵ *Ilíada*, 3.172-180.

⁶ *Ibidem*, VI, 344-348; 354-356 (grifos nossos).

⁷ *Ibidem* 3.38-55.

⁸ “[...] um homem que vive por e para seu próprio charme e apelo sexual [...]” (SKINNER, 2014, p. 96. Tradução nossa).

⁹ GÓRGIAS.

¹⁰ ZÉ RAMALHO.

¹¹ *Ibidem* 3.64-67.

¹² *Ibidem* 3.368-372; 380-383.

¹³ *Ibidem* 3.441-447.

¹⁴ MIGUEL.

¹⁵ *Ibidem*, 14. 161-165.

¹⁶ *Ilíada* 14. 170-183.

¹⁷ *Ibidem* 14.294-298.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMÕES, Luis de. **Obras completas**. Disponível em: <<https://books.google.com>>. Último acesso em: 6 jun. 2016.

CAZUZA. Exagerado. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br>. Último acesso em: 6 jun. 2016.

DISCURSO. Disponível em: <http://conceito.de/discurso>. Último acesso em: 6 jun. 2016.

GÓRGIAS. **Elogio de Helena**. Disponível em: <www.consciencia.org/gorgiashumberto.shtml>. Último acesso em: 6 jun. 2016.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2013.

MIGUEL, Luiz. Sabor a mí. Disponível em <<http://www.vagalume.com.br>>. Último acesso em: 6 jun. 2016.

NANDO REIS. Sei. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br>>. Último acesso em: 6 jun. 2016.

RAMALHO, Zé. Mulher nova, bonita e carinhosa. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br>>. Último acesso em: 6 jun. 2016.

SKINNER, Marilyn B. **Sexuality in Greek and Roman Culture**. 2. ed. UK: Blackwell, 2014.

YONGE, Charles Duke. **An English-Greek Lexicon**. Disponível em: <<https://books.google.com>>. Último acesso em: 6 jun. 2016.